
Contribuciones

José Sergio Leite Lopes. A decifração do mundo operário por um antropólogo sensível e engajado

Marta Cioccarì*

Equipo editorial Revista LAT
mcioccarì@gmail.com

Autor de obras magistrais, que se tornaram clássicos na antropologia no Brasil e no exterior – em especial na perspectiva da antropologia do trabalho e dos trabalhadores –, o antropólogo José Sergio Leite Lopes é professor titular do PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição na qual ingressou como docente em 1978. Muito da têmpera que o constitui talvez pudesse ser compreendida, simbolicamente, pelo fato de ser um carioca de nascimento e um pernambucano de coração. Seu elo com o Nordeste do país está relacionado a origens familiares, mas igualmente à profunda e rica convivência com diferentes grupos pesquisados naquela região: operários do açúcar, operários têxteis, camponeses e sindicalistas, ao longo de décadas. Algo que seus trabalhos e sua trajetória revelam – a exemplo de outros pesquisadores de sua geração, como Moacir Palmeira, Rosilene Alvim, Lygia Sigaud, Afrânio Garcia, entre outros – é que refinamento teórico, rigor científico, etnografias de longa duração, sensibilidade e engajamento político não precisam ser aspectos dissociados na vida de um cientista social. Parece ser justamente no entrecruzamento dessas dimensões que a tarefa do antropólogo que dedica sua

* Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional, UFRJ. Atualmente é professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É, também, subcoordenadora do Núcleo de Antropologia do Trabalho, estudos biográficos e de trajetórias (NuAT), no PPGAS, MN, UFRJ.

vida à investigação da cultura das classes trabalhadoras ganha sentido e vivacidade. Talvez isso nos ajude a compreender essa rara combinação, num pesquisador do nosso tempo, entre brilho intelectual e generosidade. No caso de José Sergio, há que se evocar ainda a amabilidade, a fala mansa, tanto no trato com colegas, alunos ou interlocutores de pesquisa - muitos convertidos em amigos e companheiros nas lutas pelas liberdades políticas e por melhores condições de vida para operários e camponeses.

A partir de seus escritos e lições, aprendemos a importância de des-substancializar categorias como “classe trabalhadora”, em função das transformações sociais e econômicas ocorridas nas últimas décadas. Por meio da análise de sua construção social, histórica e intelectual, o pesquisador deve levar em conta os mediadores associados àquelas classes. Nessa perspectiva, vemos que a diversidade temática do mundo do trabalho compreende desde estudos de antropologia urbana, sociedades camponesas, movimentos sociais, memória social e política, família e gerações, cultura popular, lazer, esporte, até conflitos ambientais e educação.¹

Para sermos fiéis a esse aprendizado, precisamos considerar algo da sua trajetória. José Sergio graduou-se em Economia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), em 1969, mas desde cedo fez uma conversão importante em sua carreira ao cursar o mestrado (1975) e o doutorado (1986) em Antropologia Social no Museu Nacional, UFRJ, e o pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (1988-1990), na França. Sua dissertação de mestrado, *O vapor do diabo*, publicada em 1976, revelou de forma impressionante e inédita o cotidiano do trabalho dos operários do açúcar em usina de Pernambuco, numa pesquisa conduzida em 1972, durante o auge do regime militar no Brasil². Como ele conta, a maioria dos operários tinha começado a vida como trabalhadores rurais ou eram de famílias de camponeses e tinham entrado para a usina como trabalhadores temporários. Os meandros do mundo do trabalho na usina e a descrição dos diferentes ofícios,

¹ Sobre esse aspecto, ver: Leite Lopes, José Sergio. Uma experiência da flutuação histórica do tema “trabalho” na antropologia. *Revista Theomai*, n. 24, pp. 1-10, 2011. Cf. especialmente pp. 9-10. E, ainda, a “Introdução”. In: Leite Lopes, José Sergio; Cioccarri, Marta. *Narrativas da desigualdade: Memórias, trajetórias e conflitos*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, pp. 8-9.

² A pesquisa teve a orientação de Moacir Palmeira. Cf. também a versão em espanhol: Leite Lopes, J. *S.El Vapor Del diablo: el trabajo de los obreros Del azúcar*. 2. ed. Buenos Aires: Antropofagia, 2011.

como artistas e profissionais, as hierarquias, conflitos e jocosidades desse universo são desvendado sem registros minuciosos e em análises argutas. Graças a seu talento literário, o leitor pode perceber os cheiros, os tons e sons da vida na usina captada pelos relatos de seus interlocutores.³

Suas contribuições para a compreensão da riqueza do mundo do trabalho na fábrica e das formas de dominação foram aprofundadas em sua pesquisa de doutorado, *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*, publicada em 1986⁴. O sociólogo Francisco de Oliveira resumiu, no Prefácio da obra, a admiração suscitada pela reconstituição magistral das mobilizações dos trabalhadores na Companhia de Tecidos Paulista, na cidade de Paulista (PE): “José Sergio nos guia e nos encanta – por que recusar a um trabalho científico a magia da sedução? – pelos meandros de uma luta memorável”. No livro, José Sergio desvela, por exemplo, a forma de dominação da fábrica com vila operária. Nas suas palavras: “A sistematização das peculiaridades desta fábrica têxtil pode assim fazer desta situação um ‘caso-limite’ servindo para iluminar aspectos importantes deste padrão específico de relações de dominação das fábricas com vila operária, ou das fábricas que subordinam diretamente os seus trabalhadores para além da esfera da produção” (Leite Lopes, 1986, p.16). Um dos aspectos surpreendentes é o modo como enuncia a existência de uma “microfísica da resistência” à dominação por parte dos trabalhadores e sua reapropriação criativa do espaço da fábrica e da vila operária⁵. Inspirado em E. P. Thompson, no livro *The making of the English Working-Class*, publicado em 1963, José Sergio elabora a hipótese da “tradição transformadora” – a ideia de que certas tradições podem se constituir em capital, “numa grande força para a reivindicação por direitos e por melhorias de vida de grupos sociais dominados”. Na análise da experiência da revolução industrial inglesa, Thompson partiu da importância do passado, da valorização da memória e da história incorporada, para a criação do novo, compreendendo a importância dos artesãos, trabalhadores a domicílio e

³ Por exemplo, no registro do depoimento de um operário que inspirou o título da obra: “Naquele tempo, a gente espiava assim, parecia que era um lugar que o diabo trabalhava dentro. O vapor era demais. (...) Eu disse: ‘Rapaz, aqui não trabalha gente não, aqui só trabalha diabo.’” Cf. Leite Lopes, José Sergio. *O vapor do diabo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 65.

⁴ A pesquisa foi orientada por Lygia Sigaud. Cf. LEITE LOPES, J. S. *A tecelagem dos conflitos de classe na Cidade das Chaminés*. São Paulo/Brasília: Marco Zero/CNPq, 1988. 623p.

⁵ Leite Lopes, J. S. *A tecelagem dos conflitos de classe na Cidade das Chaminés*. São Paulo/Brasília: Marco Zero/CNPq, 1988, p.11, 16.

trabalhadores rurais, precarizados pelas transformações capitalistas, como os motores do novo movimento. Foi algo similar que José Sergio e Rosilene Alvim identificaram na cidade de Paulista, em Pernambuco⁶.

José Sergio tem se debruçado sobre uma vastidão de temas, nas intersecções com aspectos da cultura das classes populares. Vale lembrar seus artigos sobre futebol, classe e etnicidade. A começar pelo famoso texto escrito a convite do sociólogo francês Pierre Bourdieu e publicado originalmente na França, em 1989, “La disparition de la 'Joie du peuple': Notes sur La mort d'un joueur de football”⁷, no qual ele recompôs a trajetória do craque de futebol brasileiro Garrincha pondo em relevo sua trajetória de operário de fábrica têxtil e sua origem camponesa. Entre meados de 1996 e junho de 2000, com uma equipe formada ainda por Diana Antonaz, Gláucia Silva e Rosane Prado, José Sergio empreendeu uma investigação sobre a ambientalização dos conflitos sociais⁸, considerando os processos sociais a partir dos quais se produzem as percepções sobre meio ambiente e poluição entre indivíduos e comunidades industriais em diferentes contextos. Suas investigações incluem a sociologia pública, trajetórias de cientistas sociais, estudos sobre família e gerações, memória, história, patrimônio industrial, narrativas biográficas de trabalhadores⁹, movimentos sociais, entre outras questões.

6 Ver também Leite Lopes, J. S. *Memória e transformação social*. 1. ed. Rio de Janeiro/São Luís: Casa 8, 2016, particularmente às pp. 28 e 29.

7 Ver: Leite Lopes, J. S.; Maresca, S. La Disparition de La 'Joie Du Peuple': Notes sur lamortd'unjoueur de football. *Actes de la Recher cheen Sciences Sociales*, Paris, v. n. 79, p. 21-36, 1989. O artigo posteriormente foi publicado em português e em inglês, entre outros idiomas. Cf. Leite Lopes, J. S.; Maresca, S. A Morte da 'Alegria do Povo'. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 113-134, 1992. Cf. também: Leite Lopes, J. S. The people's joyvanishes: considerations on the death of a soccer player. *Journal Of Latin American Anthropology*, Londres, v. 4/5, n.2/1, p. 78-105, 1999.

8 Ver Leite Lopes, José Sergio (coord.); Antonaz, Diana; Prado, Rosane; Silva, Gláucia (orgs). *A Ambientalização dos conflitos sociais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

9 Ver Leite Lopes, José Sergio; Alvim, Rosilene. Uma autobiografia operária: a memória entre a entrevista e o romance. *Estudos Avançados*, 13 (37), 1999, pp. 105-124. O artigo começa assim: “No decorrer do trabalho de campo numa vila operária têxtil do Nordeste brasileiro, um operário nos ofereceu, um ano após a realização de uma longa entrevista, um singular relato autobiográfico romaneado. Trata-se de um testemunho escrito sobre uma experiência de sobrevivência em um contexto de transformação social. Este manuscrito de perto de cinquenta páginas de um caderno

**

Tive o privilégio de ser orientada por José Sergio durante meu doutorado em Antropologia Social no PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, entre 2005 e 2010, pesquisando a construção da honra de trabalhadores de minas de carvão no Brasil e na França. Sua obra sempre foi uma inspiração para as investigações que nós, seus alunos, conduzimos. Mas acabamos por nos mirar também no exemplo de um pesquisador brilhante e íntegro, que ao invés de se preocupar com a formação de uma “escola”, sempre nos ofereceu plena liberdade de escolhas, para além de suas próprias opções temáticas, concepções teóricas ou metodológicas. Além disso, acórdialidade, paciência e generosidade para compartilhar reflexões e sugerir insights sempre esteve (e está) presente quando narramos nossos grandes e pequenos dramas, os constrangimentos em campo, dúvidas, gafes, hesitações, descobertas e aventuras cotidianas da pesquisa. Depois de nos ouvir com vivo interesse, José Sergio sempre nos surpreende com a observação fina e certa de algo que nos passou despercebido, fornecendo um *insight* ou uma chave de leitura que é capaz, finalmente, de nos tirar do labirinto das incertezas no qual havíamos nos metido.

Entre 2010 e 2014, durante meu pós-doutorado, continuamos a trabalhar juntos no PPGAS, Museu Nacional. Em 2011, ministramos em conjunto um curso sobre Memórias, biografias e trajetórias de operários e camponeses a alunos de mestrado e de doutorado. Dessa rica experiência e de um grupo estimulado pelas reflexões que floresceram nesses encontros nasceu o Núcleo de Antropologia do Trabalho, estudos biográficos e de trajetórias (NuAT), certificado pelo CNPq em 2012, e a publicação do livro *Narrativas da desigualdade: memórias, trajetórias e conflitos* (Mauad, 2013), que foi por nós organizado com a participação de outros 13 pesquisadores. Desde então, temos tido a honrosa oportunidade de participar de projetos coordenados por José Sergio (em conjunto com Beatriz Heredia e outros pesquisadores) tais como o do Programa de Memória dos Movimentos Sociais (Memov), no Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE), da UFRJ –dirigido por ele desde 2012. Atualmente, ele coordena o projeto “Movimentos cruzados e histórias específicas de operários e trabalhadores rurais. Análise comparativa dos ciclos de greves iniciados pelos

escolar de tamanho grande, ostentando o título de “Os Miseráveis”, estava, com efeito, entre os poucos materiais escritos pelos próprios operários dentro o conjunto de nossos dados”.

metalúrgicos de São Paulo e do ABC paulista e pelos canavieiros de Pernambuco no final dos anos 70¹⁰.

Por fim, um exemplo pessoal ajudará a traduzir a generosidade e originalidade das contribuições a seus orientados. Tempos atrás, redescobri uma mensagem que recebi de José Sergio (da qual já não lembrava) em resposta a um email que lhe enviei durante meu estágio de doutorado na França, em 2008. Na ocasião, havia lhe contado sobre um sonho que tivera na véspera, ainda incerta sobre o estatuto que poderia conferira essas imagens oníricas, que me pareciam traduzir vivências entre as famílias de mineiros. Segue sua resposta:

“Incrível teu sonho. E também tua reconstrução minuciosa.

Não sei interpretar sonhos, nem os meus próprios. Vou comentar o que posso. O sonho e o seu registro me parecem bem etnográficos, exagerando situações pelas quais você passou. A situação é dura para a família de mineiros, que, no entanto, parece naturalizá-la; é dura para a etnógrafa. De ver uma situação limite dos mineiros, da família de mineiros estar no subsolo na própria moradia (além do trabalho). De estarem cimentados e sem janelas, apesar de terem uma luz filtrada do exterior através do cimento e de terem (simulacros de) jardins e plantas. Também o bairro está nesse subsolo, com os futuros mineiros ou filhos de ex-mineiros marcados pelo mundo do subterrâneo, com suas brincadeiras e disputas violentas tornando a rua inóspita e hostil, jovens talvez sem futuro (diferentemente das gerações anteriores).

Depois de decifrar o mundo masculino dos mineiros de Minas do Leão, que você conseguiu penetrar na sua vida cotidiana, de observar o mundo masculino do seu futebol, de ganhar a sua confiança, de morar no bairro e de se relacionar com suas famílias, partiu para o mundo dos ex-mineiros da Lorena, com sua pouca comunicação inicial, com um sotaque terrível, com a escuridão do inverno e do frio, um certo subsolo geral ao nível da vida cotidiana em casa (a mina não existe mais). Mas também ganhou a confiança deles. Será que a mina fechada, o passado da mina para os ex-mineiros e mulheres e seus filhos torna o seu cotidiano fechado como no subsolo? Será que a situação da família de mineiros mudou e, de repente, é preciso fazer uma outra tese?

O clima do sonho me fez lembrar do livro Dias Exemplares, de Michael Cunningham (autor de As Horas, que também foi filme): três contos articulados, o primeiro deles sendo sobre a revolução industrial em Nova York, através da família de um menino operário.” (Comunicação pessoal, em 01/02/2009)

¹⁰ Edital Capes n° 12/2015. Memórias brasileiras: Conflitos sociais.